

OS MANUSCRITOS SAUSSURIANOS SOBRE A FONÉTICA, DO *MÉMOIRE* AO CLG¹

SAUSSURIAN MANUSCRIPTS ON PHONETICS, FROM THE *MÉMOIRE* TO THE CLG

Maria Pia Marchese²

maria.marchese@unifi.it

ABSTRACT: According to Saussure's terminology, with the term "phonetics" one means not only the study of sound articulation (which he defines as *Lautphysiologie* or *Sprachphysiologie*), but also the diachronic study of sounds. The phonetic investigations that Saussure carried out from his *Mémoire* to the courses in general linguistics show that, while dealing with central themes within the field of historical and comparative linguistics, he is already formulating some theoretical considerations that we find later in the *Cours de linguistique générale*.

KEYWORDS: Manuscripts; phoneme; phonetics; sonant; syllabe

o. Meu interesse por Saussure, o indoeuropeísta, me levou a tratar dos manuscritos em que ele fala de fonética, visto que a fonética, quando associada a uma rigorosa comparação de estruturas morfológicas, constitui um ponto central de seus estudos sobre o indo-europeu.

Devo precisar que me refiro à fonética em seu sentido amplo e não somente à fonética articulatória; refiro-me também à sílaba, ao acento, às sonantes indoeuropeias e à teoria da qual Saussure se ocupou por muito tempo. Eu me conformo com o uso saussuriano da palavra "fonética": sabemos bem que a terminologia de Saussure, isto é, a terminologia de sua época, é diferente da terminologia atual: o

¹ Texto traduzido do original de 2009, "*Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du Mémoire au CLG*", publicado no número 62 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. A **ReVEL** agradece a gentileza de Maria Pia Marchese e do Comitê Editorial dos *Cahiers* por autorizarem a publicação desta tradução do texto para o português nesta edição especial (N. E.).

² Università degli Studi di Firenze.

linguista distingue claramente (ver *CLG*: 55-56) a **fonética**, para ele o estudo dos sons do ponto de vista histórico, da **fonologia**, para ele, o estudo da fonação, ao qual ele se refere utilizando o termo alemão *Lautphysiologie* ou *Sprachphysiologie*; se Saussure as distingue, ele não as opõe³. Em consequência, adoto o termo **fonética** porque esta palavra se adapta melhor à concepção saussuriana de um estudo linguístico, isto é, histórico, enquanto a **fonologia** tem um campo de ação mais restrito e é “auxiliar da fonética”.

Apresentarei as pesquisas em fonética que Saussure realizou a partir do *Mémoire*, no período entre o *Mémoire* e o *Cours*, para mostrar que, ao tratar de temas centrais do domínio da linguística histórico-comparativa de sua época, Saussure já formula algumas reflexões teóricas que encontraremos no *Cours*. Minha exposição será baseada em uma análise filológica dos manuscritos, o que nos permitirá constatar a continuidade do pensamento saussuriano.

Abordarei um tema central do *Mémoire*, isto é, o tema das sonantes, que são frequentemente abordadas nos manuscritos saussurianos por estarem diretamente ligadas à sílaba e ao acento. Todos os estudos de Saussure sobre o indo-europeu revelam seu espírito sistemático, e tentarei destacar a noção de sistema conforme ela já aparece no *Mémoire* (neste caso, organização sistemática dos fatos linguísticos) até a formulação teórica do estudo sistemático da *langue* que podemos ler no *Cours*.

Percorrerei a questão levando em consideração alguns manuscritos que estimo serem os mais importantes para acompanhar o pensamento de Saussure.

1. O primeiro manuscrito que examinarei será o manuscrito *Phonétique*⁴, conservado na *Houghton Library* da *University of Harvard*, e que é composto por cinco cadernos para os quais propus uma datação entre 1883 e 1885⁵; esta data é provável, pelo menos, para os cadernos 1 e 5, nos quais Saussure deixa transparecer seu espírito polêmico em relação a Osthoff, que havia criticado seu *Mémoire*. Levarei

³ Conforme o *Cours*, p. 56: “Mas não somente esses dois estudos não se confundem, eles tampouco podem opor-se. A primeira [isto é, a fonética] é uma das partes essenciais da ciência da *langue*; a fonologia, por sua vez – é preciso repetir – é senão uma disciplina auxiliar da linguística e advém somente da *parole*”.

⁴ No que toca ao título, *Phonétique*, sobre o qual não nos é possível afirmar com certeza se se trata de uma nota autográfica de Saussure, remeto a Marchese (1990) e a minha *Introduzione* a Saussure (1995: XIII).

⁵ Conforme Marchese (1990) e minha *Introduzione* a Saussure (1995: XIV-XVII).

igualmente em consideração o manuscrito *Théorie des sonantes*, cuja datação é precisa entre 1895 (data da publicação do livro de Schmidt, *Kritik der Sonantentheorie*) e 1897, data da publicação da resenha crítica de Saussure na revista *Indogermanische Anzeiger*⁶. O advento da publicação do livro de Schmidt fizera com que Saussure renovasse seu interesse pelos estudos sobre o indo-europeu, após um período de questionamentos em relação aos estudos linguísticos realizados até então⁷.

Os temas que esses dois importantes manuscritos contêm podem ser, hoje, amalgamados a partir dos novos manuscritos sobre o indo-europeu, que fazem parte dos novos *Archives de Saussure* (doravante, *AdeS*). De fato, além dos importantíssimos manuscritos sobre a linguística geral publicados por Engler e Bouquet em 2002, e traduzidos por De Mauro em 2005, nós temos, nos *Archives de Saussure*, numerosas páginas em que Saussure trata da linguística indo-europeia: há notas sobre o sânscrito, sobre o germânico gótico e sobre o antigo alto alemão. No que concerne a este último caso, trata-se provavelmente, em grande parte, das notas sobre o germânico que serviram para a preparação das disciplinas que Saussure ministrara em Paris, após 1882 (sobretudo, *AdeS* 375); há, além disso, numerosos cadernos com notas de Saussure sobre o lituano, que se associam aos demais manuscritos sobre o mesmo tema conservados há tempo na Biblioteca de Genebra. Várias notas desses novos cadernos dizem respeito particularmente à acentuação lituana, à entonação e à posição do tom; de fato, Saussure reflete sobre a acentuação lituana e ele pensa, parece-me, partir da acentuação lituana (caso particular) para chegar a uma teoria mais geral, isto é, a teoria do problema do acento indo-europeu⁸.

No que toca ao acento, eu gostaria de mencionar duas páginas pertencentes aos *Archives de Saussure* 382, envelope 11, no qual temos acesso à formulação que Saussure faz da lei de Verner. Tal formulação, igual àquela que lemos no *CLG*, enuncia o fenômeno remetendo toda questão ao interior de um sistema (“toda aspirada forte é convertida, quando está no interior da palavra, em aspirada fraca”): é a lei geral,

⁶ Esse manuscrito, conservado na Biblioteca de Genebra com a sigla Ms. fr 3955/1^o, foi publicado por mim em 2002 (Saussure 2002); o título *Théorie des Sonantes*, seguido pelo subtítulo *Critique des ouvrages de Sievers et de J. Schmidt*, está escrito na primeira página da folha dupla que serve de capa às folhas 2-18. Assim como no que tange ao manuscrito *Phonétique*, nós não conseguimos afirmar com certeza se se trata de uma anotação autográfica de Saussure; de toda forma, na primeira página efetiva do manuscrito, lemos, escrito pela mão de Saussure: *Réflexions sur quelques points de phonologie et sur la théorie des sonantes à propôs d'un livre récent*.

⁷ Ver carta a Meillet de 4 de janeiro de 1894.

⁸ Não me deterei à questão do acento e da entonação lituanos (sobre isso, ver Petit 2009).

comum a todas as línguas; no entanto, em germânico, o acento sobre a sílaba precedente impede a passagem de aspirada forte (surda) à aspirada fraca (sonora). Conseqüentemente, Saussure conclui: “A lei não é de nenhuma forma uma lei de acento. Ela leva somente a excetuar o caso do acento”. Trata-se, como ele diz, de um “epifenômeno sem relação com o fenômeno”. Essa formulação é uma prova do espírito sistemático, que distingue os fatos gerais dos casos particulares.

2. Mas, para realizar o percurso vislumbrado, é necessário retornar ao manuscrito *Phonétique*, conservado na *Harvard University*. Já demonstrei que esse manuscrito é uma das fontes do *Cours*.

Em um artigo recente (Marchese 2003), mostrei que um excerto do manuscrito *Phonétique* (caderno 5, f. 19r) corresponde precisamente a uma passagem dos “excertos copiados por A. Sechehaye”, que Godel havia publicado nos *CFS* em 1954 e que ele havia identificado como uma das fontes do *Cours*⁹ (Godel 1957: 13); também demonstrei que uma outra passagem do mesmo manuscrito de *Harvard* (caderno 5, f. 12r) corresponde quase literalmente a uma passagem do *CLG* que pertence ao Apêndice, capítulo II, § 7¹⁰.

A correspondência quase literal dessas passagens é uma prova evidente do fato que Bally e Sechehaye tiveram esse manuscrito em suas mãos. Porém, são em geral numerosas as ideias, frases e expressões que encontramos em todo o manuscrito *Phonétique* que provam que ele foi utilizado para a redação do Apêndice - Princípios de fonologia do *CLG*.

Esse manuscrito de *Harvard* é, portanto, um testemunho importante para conhecer o pensamento autêntico de Saussure sobre o tema da fonética e da fonologia: várias passagens indicam a vontade de desenvolver alguns temas tratados no *Mémoire*, particularmente o problema da alternância vocálica em relação à sílaba e da sílaba em relação à sonante.

Para mostrar o percurso saussuriano, cito uma passagem do manuscrito *Phonétique*, caderno II, f. 2r:

⁹ Conforme Godel (1957: 13), que postula a existência de um manuscrito **Phonologie* sobre o qual ele afirma: “Dossiê não encontrado, do qual subsistem somente os excertos copiados por A. Sechehaye”.

¹⁰ Conforme Marchese (2003: 336).

O presente artigo foi inicialmente apenas uma nota explicativa destinada a um estudo sobre a sílaba indo-europeia... A introdução, que se tornou mais considerável que o próprio artigo, precisou tomar a forma de um trabalho separado. Não é exatamente desnecessário revelar essa circunstância; ela é nossa desculpa para ousar abordar uma questão fundamental desse gênero, que é ao mesmo tempo, tão vasta e tão difícil...

Na continuidade do estudo das vogais do indo-europeu já abordadas no *Mémoire*, estimulado pelas críticas das quais seu trabalho havia sido objeto e também pela leitura do trabalho de Osthoff¹¹, Saussure se prepara então para enfrentar o problema da sílaba e das sonantes no âmbito de um tratado de fonética/fonologia; partindo dos dados oferecidos pelas línguas, ele se desvencilha aqui da comparação e da reconstrução, metodologias sobre as quais alicerçou-se o *Mémoire*, e se aventura em um tratado de fonética. É esse o “trabalho separado” do qual fala Saussure e no qual ele se situa, pela primeira vez, em uma perspectiva acrônica e, portanto, teórica, seguindo a pista dos estudos de fonética de Sievers, cujo nome é citado várias vezes, assim como ele é citado, aliás, no Apêndice à Introdução do *Cours*. E Sievers também é criticado nos escritos de *Harvard* em razão das explicações que fornece sobre sonante, consoante e sílaba; sobre isso, cabe mencionar uma passagem do manuscrito da *Harvard University*, caderno 5, f. 12r:

Que as explicações de M. Sievers sobre sonante e consoante (p. 29) e sobre a sílaba (p. 156 e seguintes) não deixam nenhuma ideia clara à mente é o que surpreende somente se não nos demos conta do valor dessas palavras... O que é mais surpreendente é que M. Sievers pareça perfeitamente satisfeito com essa falta de qualquer regra no que toca ao capítulo mais importante da fonética. Ele não manifesta nenhuma perplexidade, mesmo que cada linha levante um problema sem solução. Ele livra-se da sílaba, aliás, em menos de duas páginas.

A definição da sílaba é, para Saussure, ligada à sonante, que constitui o eixo principal de suas especulações indo-europeias e de suas hipóteses no domínio da fonética.

A questão das sonantes, que havia sido o ponto de partida do *Mémoire*, ocupa, conjuntamente à questão da sílaba e do acento, um amplo espaço nos escritos de fonética da *Harvard University*, até o admirável artigo de 1889 publicado nos “*Mémoires de la société linguistique de Paris*”, intitulado *Sur un point de la phonétique des consonnes en indo-européen*, que trata da lei da junção silábica em presença de duas oclusivas consonantais; as publicações do começo dos anos 1890 já

¹¹ Trata-se do IV volume de *Morphologische Untersuchungen* de Osthoff (1881).

são mais raras, na sequência da crise sobre os estudos linguísticos, como testemunha a célebre carta à Meillet¹².

3. A publicação, em 1895, do livro de Schmidt sobre as sonantes chamou a atenção de Saussure, que lera a obra atentamente com vistas a escrever uma resenha crítica; para Saussure, foi a oportunidade de abordar novamente um tema sobre o qual interessava-se “há muito tempo” e que considerava fundamental nos estudos sobre o indo-europeu; é, sem dúvida, a partir disso que, ao longo dos anos 1895-1897, ele passa a sentir necessidade de escrever um artigo, além da resenha crítica. A intenção de escrever um artigo, durante a redação dessa resenha crítica, é claramente demonstrada em uma passagem do fólio 108r/v do manuscrito *Théorie des sonantes*:

Nos desagradaria ter de transformar uma parte deste artigo em uma espécie de advocacia *pro domo*. Há muito tempo, aliás, nós tínhamos o projeto de mostrar onde estavam as questões que se poderia criticar na teoria das raízes dissilábicas e como seria possível resolvê-las; nós esperamos que esse trabalho, uma vez publicado, satisfará M. Schmidt ao mostrar-lhe que todas suas objeções, fundamentadas à primeira vista, estavam longe de passarem desapercibidas.

Mas, além da intenção, o artigo jamais fora terminado. A passagem da comparação e da reconstrução à perspectiva acrônica e, portanto, teórica é problemática, como demonstra o fato que Saussure nem mesmo concluíra o tratado *Phonétique* que acabamos de mencionar.

Sabemos que na base do interesse de Saussure pelas sonantes, há, antes de tudo, uma razão pessoal, isto é, o desgosto de não ter podido reivindicar a descoberta da *nasalis sonans*. Todo mundo conhece o episódio que Saussure retoma com insistência em seus escritos: ele conta o episódio em seus *Souvenirs*¹³, mas escreve sobre ele em dois momentos no manuscrito *Théorie des sonantes* (fólio 7r e 132r). Saussure tivera a intuição da *nasalis sonans* quando era apenas um jovem estudante no *Collège public de Genève*, em 1872; três anos e meio mais tarde, Brugmann, para explicar formas do grego como *τατός*, formula a hipótese da *nasalis sonans* indo-europeia, que se tornou, em germânico, *-un-* e essa descoberta permanecerá associada ao nome de Brugmann¹⁴.

É preciso sublinhar que o jovem Saussure, que quando no *Collège de Genève* não conhecia o sânscrito, formula a equivalência entre *a* e *N* segundo um método que

¹² Ver nota 7.

¹³ Conforme Godel (1960b: 18).

¹⁴ Conforme Brugmann (1876).

podemos definir como reconstrução interna, isto é, no interior mesmo da língua grega; tal equivalência entre α e N , formulada com base na constatação da existência de uma forma grega $\tauετ\acute{\alpha}\chi\alpha\tau\alpha\iota$, a qual corresponde a uma outra forma grega $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omicron\nu\tau\alpha\iota$, revela um espírito matemático, sistemático.

A formulação da descoberta da *nasalis sonans*, publicada por Brugmann em 1876, é diferente porque ela se apoia na comparação indo-europeia, que compreende o germânico e também o sânscrito.

O desgosto de Saussure de não ter podido reivindicar tal descoberta¹⁵ está estreitamente relacionado ao fato de desejar aparecer como alguém que teve uma formação original: o episódio da *nasalis sonans* é, para ele, uma prova significativa de sua autonomia. Saussure tivera uma experiência negativa em relação à escola de Leipzig e, por isso, tende reduzir a importância dessa escola em sua formação¹⁶.

Essas considerações dizem respeito ao aspecto biográfico¹⁷ e historiográfico: deixando de lado a questão da anterioridade (entre Brugmann e Saussure) dessa descoberta que atormentou Saussure durante toda sua vida, podemos, de todo modo, afirmar que a novidade da descoberta da *nasalis sonans* está ligada à inovação que significou o **coeficiente sonântico**. A *nasalis sonans* e o **coeficiente sonântico** são a consequência de uma comparação que leva à reconstrução de elementos abstratos, sem verificação prática em nenhuma das línguas indo-europeias.

Para nós, hoje, é de fato natural aproximar as sonantes líquidas das sonantes nasais, mas elas tiveram uma história distinta nos estudos indo-europeus, porque elas se fundam em pressuposições diferentes do ponto de vista da comparação e da reconstrução.

¹⁵ Quando Saussure chega em Leipzig, ele fica sabendo do artigo de Brugmann através de Hübshmann (ver os *Souvenirs* publicados por Godel [1960b]); é assim que se deu conta que a intuição da época colegial equivalia à descoberta da *nasalis sonans*. Penso que, mais tarde, Saussure escutou diretamente da boca de Brugmann a formulação dessa descoberta.

¹⁶ Conforme meu recente artigo (Marchese 2007), em que publiquei três páginas pertencentes aos *AdeS* 377 (a data é clara: outono de 1893), que demonstra a persistência da polêmica em relação à escola alemã. Em tais páginas, Saussure lembra ter sofrido plágio por parte dos alemães. Ele destaca obstinadamente, sempre que pode, sua independência em relação à escola alemã, enquanto Brugmann (ver carta enviada a Streiberg, de 1914, e publicada por Villani [1990]) afirma que Saussure teria dívidas com a escola alemã e que esperava que houvesse um agradecimento aos mestres alemães no prefácio do *Mémoire*.

¹⁷ Claudia Mejía escreveu recentemente uma detalhada biografia de Saussure que cobre até o período de sua estadia em Paris. A autora promete um segundo tomo sobre os anos seguintes. O primeiro tomo (Mejía 2008) é uma obra que se funda em numerosos documentos publicados e inéditos; esses últimos (principalmente escritos literários de Saussure adolescente, cartas, a maior parte enviadas por Saussure a sua família) são publicados ao final do volume.

É preciso, de fato, levar em consideração a mentalidade positivista da época para a qual a reconstrução do *r* sonante indo-europeu era aceitável em razão da existência efetiva desse som em sânscrito, enquanto a reconstrução do *n* sonante indo-europeu parece pouco aceitável por ser baseada em uma reconstrução abstrata.

Como diz pessoalmente Saussure no manuscrito de Genebra intitulado *Théorie des sonantes*, f. 55r:

se buscamos uma razão para essa diferença, não encontraremos outra senão esta: que o sânscrito parece atribuir uma sanção histórica ao *r* sonante, sanção que o *n* sonante não possui.

Essa afirmação é claramente repetida por Saussure no mesmo manuscrito *Théorie des sonantes*, f. 57v, sobre o título do capítulo IV (*Silbebindende nasale?*) do livro de Schmidt:

M. Schmidt estabelece uma gradação quase generalizada entre a inverossimilhança de admitir um *r* puro e a inverossimilhança de admitir um *n* puro. Seria porque, para ele, o primeiro tem o testemunho histórico do sânscrito? Nós não saberíamos dizer, já que a importância desse testemunho é colocada em questão no IIº capítulo. O que quer que seja, M. Schmidt não teme admitir, como vimos, em ocasiões deveras especiais, a existência de um *r* (*tírtséti*), enquanto a existência de um *n* constitui, para ele, uma dessas aberrações da doutrina linguística em que se abandona de maneira muito evidente o território dos fatos para lançar-se na pura utopia. De todo modo, nós não criticamos M. Schmidt por querer separar a questão do *n* da questão do *r*, ainda que essa distinção se justifique somente no ponto de vista das provas pós-arianas, e que, se o livro se baseasse, em alguma medida, em uma classificação ponderada das provas totais, poderíamos esperar uma ordem completamente diferente.

Nas últimas linhas da citação uma crítica metodológica à reconstrução, isto é, à importância exclusiva atribuída às “provas pós-arianas”, é claramente feita. Cito a esse respeito outra passagem do manuscrito *Théorie des sonantes*, f. 36r:

A maior parte das reconstruções do indo-europeu que nós fazemos poderiam chamar-se apropriadamente: unilaterais. Elas advêm exclusivamente dos produtos, ou seja, daquilo que **sucede**. Eu só posso, por exemplo, reconstruir um *dh*, um *k₂*, a partir do que sucede; pela simples razão que eu desconheço tudo o que precede. Contrariamente a esse caso, que devemos considerar como sendo o único normal, apresenta-se uma ou duas vezes, como exceção, a possibilidade de reconstruir um elemento de uma maneira bilateral.

Constatamos, ainda uma vez, a diferença entre uma reconstrução fundada exclusivamente em elementos concretos e verificáveis e a reconstrução saussuriana, que, partindo da comparação dos dados disponíveis nas línguas, produz elementos abstratos que têm um valor funcional.

Porém, em particular, Saussure critica profundamente o livro de M. Schmidt (que critica a teoria das sonantes), afirmando que a teoria das sonantes não é definida claramente, mesmo por aqueles que a defendem. O defeito de uma teoria das sonantes é várias vezes mencionado no manuscrito em questão. Cito, por exemplo, o fôlio 5r de *Théorie des sonantes*:

A aparição de um livro destinado a combater a “teoria das sonantes” tem como primeiro efeito sobre o leitor de inspirá-lo a pensar que existe, portanto, uma teoria das sonantes e que cada um sabe o que combate ou defende sob o estandarte positivo ou negativo que escolhe.

E também no fôlio 25r do mesmo manuscrito:

De quais proposições precisamente é composta a teoria das sonantes; a partir de qual característica particular se reconhece um sonantista de um anti-sonantista; que princípio específico combate-se ou defende-se ao aliar-se a uma dessas bandeiras ou a outra, é principalmente o que nós tínhamos prometido a nós mesmos de ver elucidado, talvez pela primeira vez, no volume de M. J. Schmidt, e precisamos dizer que, sob esse aspecto, nossa esperança fora decepcionada, mais uma vez.

4. Como já mencionei, a *Kritik der Sonantentheorie* de Schmidt reconduz Saussure a seu *Mémoire* e às críticas formuladas por Osthoff em relação ao *Mémoire*. Segundo Saussure, Osthoff, como todos os sonantistas, não sabia definir a sonante sem cair no “círculo vicioso” entre sonante, sílaba, acento. Cito o que Saussure diz sobre isso no manuscrito *Phonétique*, caderno 5, f. 31r:

... os dois termos com os quais trabalhamos mais seguidamente, aqueles de **sílaba** e de **sonante**, formam entre eles um círculo vicioso do qual a maior parte dos autores parece não ter consciência. Um fonema é sonante quando ele é o som principal de uma sílaba. Por outro lado, só há sílaba enquanto houver sonante e será vã a procura de uma definição independente da sílaba.

Em particular, Saussure formula sua crítica a Osthoff – que também o havia criticado – partindo, no mesmo manuscrito *Phonétique*, caderno 5, f. 4r, da regra de Osthoff, a qual ele cita já traduzida em francês:

Se, na formação das sílabas, duas sonoras se encontravam situadas uma ao lado da outra como elementos da mesma sílaba, é, originalmente, sempre a primeira que ocupou o papel de consoante, a segunda tornar-se-ia sonante.

E Saussure comenta no mesmo manuscrito de *Harvard* (caderno 5, f. 6r):

A regra supõe a divisão silábica já pronta e só considera o caso em que duas sonoras se encontrarão, após essa divisão, reunidas na mesma sílaba; situar-se no interior desses limites significa deixar de lado metade dos problemas de consoante e sonante e cindir a questão da maneira menos admissível.

Assim, M. Osthoff ocupa-se do *yu* de *dyu|bhis* mas *iw* em *di|wos* não o preocupa, não deve preocupá-lo.

Ora, não chegaremos jamais a uma ideia clara sobre *dyubhis* se fizermos abstração de *diwos*.

Além disso, no momento em que a divisão silábica é fixada previamente, a separação e a determinação da sonante e da consoante é dada por si só, e não há mais necessidade de regra; enquanto fica-se ao largo da verdadeira questão que toca ao mesmo tempo à sonante e à sílaba.

Tais afirmações, que encontramos no manuscrito *Phonétique* e no manuscrito *Théorie des sonantes*, correspondem também às afirmações do *Cours*, capítulo II do Apêndice à Introdução, em que no §5 Críticas às teorias de silabação, encontramos exatamente na página 89 o termo **círculo vicioso** empregado em referência ao critério adotado para definir o caráter sonântico desses sons vocálicos ou consonantais segundo o **acento silábico**.

5. Para sair desse círculo vicioso, segundo Saussure, é preciso prestar atenção à mecânica da produção de sons e à decorrente percepção acústica na cadeia fônica. Esse conceito é enunciado no manuscrito de *Harvard, Phonétique*, no qual lemos (caderno 5, 13r): “§1. Sílaba, consoante e sonante traduzidas em fixação e explosão”.

A correlação estabelecida aqui entre silabação e implosão-explosão demonstra que a perspectiva da silabação de Saussure está situada no centro da sílaba e não na cisão da sílaba. Saussure coloca a sílaba no centro de suas hipóteses fonéticas e, na sílaba, sua atenção concentra-se na implosão-explosão dos fones, suscetíveis de serem distinguidos conforme precedam ou sucedam o centro silábico¹⁸.

A importância atribuída à mecânica da produção dos sons para resolver a contradição presente na regra de Osthoff sobre a sílaba e a sonante leva Saussure a

¹⁸ Na comunicação que proferi no Colóquio internacional “*Ferdinand de Saussure: Linguistique générale et théorie du langage*” (no prelo), que aconteceu em Vaalbeek, entre os dias 4 e 5 de junho de 2004, mencionei o *Traité de Phonétique* (1933), de M. Grammont, aluno de Saussure em Paris. No capítulo *Groupements et combinaisons de phonèmes*, abordando o problema da sílaba e, particularmente, o problema da junção silábica, M. Grammont afirma que “uma sílaba se termina por um fonema implosivo ou decrescente e começa por um fonema explosivo ou crescente”. Grammont, que faz alusão às aulas de Saussure sobre o assunto (p. 98 e seguintes), fornece também uma representação gráfica dos sons (o som explosivo é indicado com um traço oblíquo ascendente à direita e o som implosivo, por um traço oblíquo descendente à esquerda), que é semelhante à representação gráfica desses fenômenos dada por Saussure no manuscrito *Phonétique*, caderno 3, f. 33v e 37r. A consequência que destaquei é a confirmação de uma alta datação do manuscrito *Phonétique*, já que o testemunho de Grammont se refere aos anos 1881-1891.

consagrar uma grande parte do manuscrito *Phonétique* (sobretudo os cadernos 2 e 3) à fonética articulatória (isto é, a **fonologia** ou *Lautphysiologie*, como vimos). Mas, partindo dos estudos sobre a fonética articulatória de sua época e de estudos precedentes (ele cita autores como Thausing, Brücke, Winteler, Sievers), Saussure reflete sobre os sons da língua e sobre a dualidade que caracteriza o som: de um lado, a sensação acústica e, de outro, o fenômeno físico, isto é, articulatório.

Em decorrência disso, ele emprega o termo fonema com o sentido de “som” (seguindo a tradição dos estudos fonéticos de sua época), mas, com base na dita dualidade, ele afirma (*Phonétique*, caderno 3, f. 1v):

a definição fisiológica de uma coisa como o fonema é uma definição teórica **oriunda da observação comparada** do fato acústico com o fato fisiológico obtida por via empírica, nosso conhecimento do fato acústico sendo inteiramente empírico.

E, ainda, no mesmo caderno 3, f. 9r, o fonema é: “fenômeno intermediário considerado ao mesmo tempo no âmbito de sua relação com a sensação e com o ato fisiológico”. Podemos constatar que essa definição é semelhante àquela do *Cours* (p. 65): “o fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios, da unidade ouvida e da unidade falada, uma condicionando a outra”.

Assim, a dualidade sobre a definição do fonema, que nós destacamos nesses escritos, não é uma oposição entre “material” e “funcional”, mas entre a caracterização acústica e articulatória de um elemento material.

De toda forma, Saussure já tinha empreendido a distinção entre as características articulatórias dos sons e as funções distintivas de alguns sons no interior de alguns sistemas linguísticos: sabemos que, no *Cours*, ele adota a expressão **unidade irreduzível** para significar “elemento fônico com propriedades distintivas”, o que é, para nós, o fonema; porém, em sua época, fonema significava som e sem dúvida Saussure, para evitar ambiguidades terminológicas, prefere empregar a expressão “unidade irreduzível”¹⁹.

No manuscrito *Phonétique*, constatamos a gênese da diferença entre uma consideração de fonema em sentido concreto (acústico ou articulatório) e sua função abstrata como elemento com valor distintivo (caderno 3, f. 35r):

¹⁹ Conforme Marchese (1999).

Quando falamos em cadeia fonética, vem sempre à mente algo concreto. Quando falamos de um fonema isolado, podemos ouvi-lo de maneira concreta ou de maneira abstrata. Concreta, caso seja concebido como algo que ocupa um espaço de tempo. Abstrata, caso tratemos somente dos caracteres distintivos, e se os classificamos.

Tudo o que supõe sucessão [

Aí, nem início, nem fim, nem fase: isso se traduziria imediatamente em subespécie (classificação).

O fonema na classificação é uma ideia abstrata.

O fonema na cadeia fonética é uma ideia concreta. (a cadeia pode se reduzir a um só fonema).

Seguida e erroneamente, imaginamos o fonema isolado como sendo equivalente a fonema abstrato.

Mas há uma outra ponderação a ser feita sobre o fonema: é preciso considerar as definições seguintes (manuscrito de *Harvard*, caderno 3, f. 3v):

FONEMA = fenômeno fonético oposto a SILÊNCIO

FONEMAS individuais opostos entre si

FONEMA representando porção de tempo em oposição a ESPÉCIE FONÉTICA

FONEMA em oposição à AUDIÇÃO

em oposição à SINCRONIA FISIOLÓGICA

FONEMA em oposição a ENCADEAMENTO

Essa série de definições negativas do fonema, em oposição a outros fenômenos, aparece como um precedente metodológico da afirmação formulada no *Cours* (capítulo IV: 166) sobre o signo linguístico: “na *langue* existem somente diferenças”.

6. Gostaria de concluir colocando em relevo algumas afirmações extraídas dos manuscritos sobre a *langue* considerada como um sistema, afirmações estas que também demonstram a continuidade entre os estudos de Saussure sobre o indo-europeu e seu pensamento teórico geral.

O estabelecimento de um sistema já é, como dissemos, uma característica do *Mémoire*, em que a questão do vocalismo indo-europeu é tratada como um sistema convencional de representação das unidades do vocalismo mesmo, independentemente de sua realidade fonética. No manuscrito *Théorie des sonantes*, em que Saussure comenta o trabalho de Schmidt (1895-1897), podemos constatar que o emprego do termo **sistema** é ainda próximo daquele mobilizado no *Mémoire*, isto é, associado à necessidade, intrínseca à abordagem de Saussure, de que os fatos de *langue* sejam estudados sistematicamente, de maneira a compreender as relações recíprocas entre eles.

Mas o mesmo manuscrito *Théorie des sonantes* começa (ver ff. 3v-2r) com afirmações sobre a distinção entre fonética e fonologia, a qual é formulada de uma maneira muito semelhante àquela que lemos no *CLG*, como já afirmei no início deste trabalho: a fonologia – afirma Saussure no manuscrito – “é auxiliar da linguística”. E ele continua (*Théorie des sonantes*, f. 2r):

E a linguística, por sua parte, encontra mais interesse em saber como se pronuncia o *r* na Polinésia do que em determinar a mecânica elementar de todos os idiomas? É preciso se desculpar por fazer tais perguntas, mas é verdadeiramente a isso que, depois de todo esse extenuante trabalho, nos submete a fonologia tradicional.

Encontramos o mesmo conceito nas páginas 55-56 do *CLG*, onde, após a distinção entre fonética e fonologia e após a afirmação da necessidade de não as opor, Saussure continua dizendo:

Sem dúvida, não vemos bem em que serviriam os movimentos fonatórios se a *langue* não existisse; mas eles não a constituem e, quando explicamos todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, não esclarecemos em nada o problema da *langue*. Esta é um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas, da mesma forma como uma tapeçaria é uma obra de arte produzida pela oposição visual entre fios de cores diversas; ora, o que importa para a análise é o jogo dessas oposições, não os procedimentos através dos quais as cores foram obtidas.

Colocadas lado a lado, essas duas passagens demonstram que a teoria de Saussure sobre a *langue* como sistema tomou corpo a partir da distinção entre o estudo fisiológico e o estudo histórico dos sons linguísticos; um sistema que se funda nas oposições funcionais dos sons e não tanto em suas diferenças substanciais.

Nessa passagem do *CLG*, a precisão terminológica (*langue* como “sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas”) nos permite compreender que Saussure chegou no ponto alto da elaboração teórica de sua doutrina. No manuscrito *Théorie des sonantes*, de 1895-1897, compreendemos a gênese dessa teoria, a qual se desenvolve a partir da consideração de que, dentre a infinidade de elementos fonéticos possíveis no plano articulatório, cada língua utiliza “um número extremamente restrito de esquemas universais como sílaba, vogal e consoante” (f. 2r) e que a tarefa da linguística é de “determinar a mecânica de todos os idiomas” (f. 2r, citado acima); o conceito das unidades discretas e a afirmação da natureza funcional da linguagem aparecem claramente. Que Saussure tenha chegado tão rapidamente a tais convicções teóricas é revelado também na seguinte passagem do f. 70r do mesmo manuscrito *Théorie des sonantes*:

Podemos trocar todos os r uvulares de uma língua por r dentais, todos seus θ por t e assim sucessivamente, e não teremos mudado o estado recíproco dos termos que constituem a língua, desde que a mudança do valor absoluto não acarrete nenhuma perturbação nos valores relativos, levando, por exemplo, à confusão (parcial ou total) de dois elementos em um só elemento.

Aqui, Saussure sente a necessidade de distinguir as diferenças articulatórias e as diferenças funcionais, utilizando **valor absoluto** e **valores relativos**. É precisamente quando ele enfrenta um tema central dos estudos sobre o indo-europeu de sua época, aquele sobre as sonantes, que Saussure chega a constatações que demonstram que seu pensamento teórico tem suas raízes nos estudos sobre o indo-europeu, campo em que se formou e ao qual se dedicou, tendo plena consciência da diferença que separa um estudo histórico e de reconstrução de uma língua de um estudo sobre o mecanismo de funcionamento da mesma, baseado justamente no reconhecimento do valor opositivo e relacional das entidades linguísticas.

Poderíamos considerar e colocar em relevo outras numerosas passagens dos escritos fonéticos da Universidade de *Harvard*, dos *Archives de Saussure* e dos manuscritos concernentes à teoria das sonantes, mas terá sido suficiente traçar um quadro em que os manuscritos marcam as etapas importantes do caminho percorrido pelo Saussure comparatista até tornar-se teórico da linguagem.

Concluo dizendo que os manuscritos resgatam, ainda uma vez, a questão filológica da edição do *Cours*, que deveria ser revista à luz de todos os manuscritos saussurianos. Na esteira dessa edição integral de todos os manuscritos saussurianos, seria também necessária uma revisão da terminologia saussuriana, atualmente fundada sobretudo no *Cours*. Cristina Vallini sublinhou várias vezes essa necessidade e pensa desenvolver de um *thesaurus* dos textos para contextualizar a palavra no interior das citações²⁰. É somente com apoio dos manuscritos que nós poderemos restituir a autenticidade da formulação do pensamento saussuriano.

²⁰ Conforme Vallini (2006: 1772); ver *Thesaurus e dizionario critico della linguistica* (<http://dln.unipg.it>), com o qual Cristina Vallini colabora.

REFERÊNCIAS

- BRUGMANN, Karl. Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache. *SGLGr*, n. 9, 1876.
- FLEURY, Michel. *Notes et documents sur F.d.S. (1880-1891)*. École Pratique des Hautes Études, IV section, Annuaire 1964-65, 1965.
- GODEL, Robert. Notes inédites de F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 12, p. 49-71, 1954.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève-Paris: Droz-Minard, 1957.
- GODEL, Robert. Inventaire des manuscrits de F. de Saussure remis à la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 17, 1960a.
- GODEL, Robert. Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 17, 1960b.
- GRAMMONT, Maurice. *Traité de phonétique*. Paris: Delagrave, 1933.
- MARCHESE, Maria Pia. I manoscritti harvardiani di F. de Saussure. *Quaderni del Dipartimento di Linguistica Univ. di Firenze 1*, 1990.
- MARCHESE, Maria Pia. Fonema e “unité irréductible” in Saussure. *Studi di grammatica italiana*, n. 18, 1999.
- MARCHESE, Maria Pia. Une source retrouvée du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 56, 2003.
- MARCHESE, Maria Pia. Tra biografia e teoria: due inediti di Saussure del 1893 (AdeS 377/8 e 377/13). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 60, 2007.
- MEJIA QUIJANO, Claudia. *Le cours d'une vie. Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure*. Nantes: Editions Cécile Défaut, 2008.
- OSTHOFF, Hermann. Die Tiefstufe im indogermanischen Vokalismus. In: OSTHOFF, H.; BRUGMAN, K. *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*. Leipzig, 1881
- PETIT, Daniel. Accent et intonation: le modèle lituanien chez Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 62, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig, 1879.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Sur un point de la phonétique des consonnes en indo-européen. *MSL*, n. 6, 1889.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, publié par Charles Bally et Albert Sechehaye. Paris, 1916.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Phonétique*. Il manoscritto di Havard - Houghton Library bMS Fr 266 (8). Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Théorie des sonantes*. Il manoscritto di Ginevra. Bibliothèque Publique de Genève. Edizione a cura de Maria Pia Marchese. Genève: Unipress, 2002.

SCHMIDT, Johannes. *Kritik der Sonantentheorie. Eine sprachwissenschaftliche Untersuchung*. Weimar, 1895.

SIEVERS, Eduard. *Grundzüge der Phonetik*. Leipzig, 1881.

VALLINI, Cristina. Aspetti del metalinguaggio di Saussure: histoire, historique. *Studi linguistici in onore di Roberto Gusmani*, 2006.

VILLANI, Paola. Documenti saussuriani conservati a Lipsia e a Berlino. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 44, 1990.